

**LINGUÍSTICA APLICADA A CONTEXTOS SOCIAIS: LINGUAGEM
ESPECIALIZADA**

Paulo César Ribeiro NUNES¹

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão acerca da linguística aplicada a contextos sociais em termos do uso de uma linguagem especializada. Nesta discussão, pretende-se discorrer não apenas sobre a estrutura e o caráter social do léxico, mas também sobre as ciências: *Lexicologia*, *Lexicografia* e *Terminologia*. Ademais, exploram-se também as normas reguladoras do comportamento linguístico e as questões sociais que emergem da implementação dessas normas. Por fim, apresenta-se a concepção do que é visto como certo ou errado em termos de língua e reflete-se sobre a importância da aplicação das ciências do léxico na linguagem empregada em contextos sociais.

Palavras-chave: Linguística. Léxico. Terminologia. Norma padrão.

Introdução

A linguística é uma ciência que possui a capacidade de analisar os fenômenos presentes na linguagem em diferentes contextos sociais. O conhecimento proveniente das teorias que emergem da ciência linguística se aplica ao contexto empresarial, público ou privado, a partir do momento em que se suscita uma melhoria na capacidade de interação entre os membros dos grupos sociais pertencentes a esse contexto. Esses grupos se valem de normas reguladoras do comportamento linguístico de seus integrantes para se estabelecer a definição de um padrão na comunicação diária.

Ressalte-se que ao analisar a linguagem em uso por grupos em diferentes contextos sociais, não há como deixar de considerar as questões relativas ao léxico. O estudo acerca de qualquer grupo social dentro de uma comunidade linguística, pressupõe, logo de início, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, toda comunidade de falantes se

¹ Mestre em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduado em Letras pela Faculdade ASA de Brumadinho. Professor da Academia da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. Endereço eletrônico para contato: pcletras@yahoo.com.br

caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. Partindo dessa concepção, pode-se dizer que a língua falada em toda comunidade linguística apresenta sempre variações, o que vale dizer que isso se deve ao fato de nenhuma língua se manter como uma entidade homogênea, cabendo a sua representação por um conjunto de variedades.

No presente artigo, temos a pretensão de apresentar a reflexão do *caráter social do léxico* e abordagens teóricas de diferentes autores sobre o tema *norma e comportamento linguístico*. Dentre os assuntos em discussão, destacam-se a *estrutura* e as *ciências do léxico*, bem como as questões sociais que emergem da implementação de normas reguladoras de comportamentos, o uso de variante *padrão* e *não padrão* e a concepção de *certo* e *errado*, em relação ao uso prático da língua portuguesa.

Caráter social do léxico

Não há como contestar as fortes relações existentes entre o léxico e cultura, léxico e sociedade. De acordo com Ferraz (2006, p. 220), a capacidade do léxico de representar através de signos, os componentes do mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico em que se situa o homem, o coloca como o elemento da língua de maior efeito extralinguístico.

Os diversos grupos sociais formados a partir da família, escola, profissões relacionadas aos contextos empresariais, religião, etc., presentes na evolução humana utilizam a língua como instrumento de comunicação interna e externa desses grupos. O instrumento língua, utilizado na interatividade entre todos os diversos grupos das comunidades de fala distintas, está provido de um conjunto de signos que reportam ao universo de coisas pertencentes aos membros dos citados grupos.

Dentro de uma comunidade coexistem duas forças que agem em sentido contrário: a de manutenção e a de variação do código linguístico, o que propicia a coexistência de formas conservadoras e de formas inovadoras. Conforme é postulado por Ferraz (2006), a interação contínua dessas forças permite que a língua natural se renove sem perder a sua base de identidade. Outra postulação do mesmo autor é a de que não se pode afirmar que os membros de uma comunidade de fala se comportam de forma padronizada, pois, se assim o fizermos, não estaríamos considerando o processo variacional propiciado

pelas diferenças existentes em função de geração, de origem, de profissão, de religião ou de formação sociocultural que se fazem presentes em todos componentes da língua.

Diante da exposição acima, Ferraz considera que,

[...] a comunidade linguística não é inteiramente homogênea: fragmenta-se em outras comunidades linguísticas menores. Essa situação oferece ao usuário da língua condições de transitar a um só tempo por vários grupos linguísticos, isto é, experimentar as variações estabelecidas em seu código linguístico ou utilizar, em caso de comunidade plurilíngue, mais de um sistema de signos linguísticos (FERRAZ, 2006).

O léxico de uma língua reflete o repositório de experiências seculares das comunidades que a utilizaram e a utilizam, de forma que o léxico se constitui de unidades criadas a partir da necessidade de interação com o universo sociocultural. De acordo com Ferraz (2006), a evolução de uma sociedade, bem como as transformações culturais (tradição, costume, moda, crença) propiciam mudanças no léxico, uma vez que esse está diretamente associado ao universo de pessoas e coisas.

Estrutura do léxico

Pesquisas de diferentes linhas teóricas têm sido desenvolvidas com objetivo de constituir uma metodologia que dê cobertura ao estudo da forma como se estrutura o léxico de uma língua. Entre os vários modelos propostos para a análise da estruturação do significado, há que se destacar a teoria do *campo semasiológico e onomasiológico*, proposta por Kurt Baldinger (1970, p. 200-201) que tão bem define e caracteriza essas noções. Para esse estudioso, na estruturação do léxico, um campo onomasiológico reúne todos os significantes de um dado significado, ao passo que um campo semasiológico engloba todos os significados possíveis que possam representar um determinado significante. Nessa perspectiva, a Onomasiologia representa a exposição das designações, enquanto a Semasiologia traduz a exposição das significações. Para esse semanticista, a Onomasiologia e a Semasiologia representam dois enfoques, opostos e complementares, do processo léxico-semântico.

No estabelecimento dos domínios desses dois campos, Baldinger (1970), sob a ótica da comunicação, destaca o seguinte:

a onomasiologia corresponde à situação do falante que, tendo a sua disposição o tesouro estruturado da língua, deve expressar seu pensamento; a semasiologia, em troca, corresponde à situação do ouvinte que percebe formas já selecionadas – quer dizer, palavras sujeitas à polissemia – e que deve determinar as significações em questão. Ao longo da comunicação oscilamos continuamente entre a onomasiologia (ao falar) e a semasiologia (ao ouvir)” (TN).²

Em seus estudos acerca da estruturação do léxico, Biderman (1978, p. 157) pondera que a abordagem onomasiológica é característica da Lexicologia, muito embora a Lexicografia funcione sobremaneira dentro do método semasiológico. Reforça, ainda, essa pesquisadora que o confronto de um campo onomasiológico com os campos semasiológicos afins atesta o fato de que eles se interpenetram e configuram-se como complementares.

Importa mencionar que a estrutura dos campos onomasiológico e semasiológico encontra-se em constante mutação, tendo em vista a criatividade humana e o conseqüente processo evolutivo da sociedade.

Para Guilbert (1972, p. 30), ao compararmos as questões inerentes à gramática e ao léxico, devemos ressaltar que o léxico, ao contrário da gramática, sofre uma transformação muito mais rápida em seus elementos constituintes. Esse autor define que a gramática é uma estrutura puramente linguística, ao passo que o léxico, tendo em vista a dualidade significante/significado, participa da estrutura linguística e, também, da evolução do mundo. Se por um lado o léxico envelhece em alguns de seus elementos, por outro, é enriquecido por novos elementos em conexão com a quantidade de referentes novos e suas transformações.

Diante dessa concepção, o léxico tem como função representar na língua o mundo, em suas diversidades material, social, cultural. Resultando na evolução, transformação, e criação no plano referencial que se estende automaticamente ao nível lexical, independente de qual seja a forma semântico-lexical adotada para expressá-la. Sendo assim, o léxico deve, necessariamente, fazer frente às novas necessidades da sociedade, uma vez que

² - “La *onomasiología* corresponde a la situación del *hablante* que, teniendo a su disposición el tesoro estructurado de la lengua, debe expresar su pensamiento; la *semasiología* corresponde a la situación del *oyente* que percibe formas ya seleccionadas - es decir, palabras sujetas a la polissemia - y que debe determinar las significaciones en cuestión. A lo largo de la conversación oscilamos continuamente entre la onomasiología (al hablar) y la semasiología (al escuchar)” (BALDINGER, 1970, p. 203).

toda “coisa”, todo conceito deve ser nomeado para ser objeto do conhecimento e ter acesso a uma existência social (Guilbert, 1972, p. 41).

As ciências do léxico

O léxico como objeto de estudo tem sido abordado ao longo dos anos por várias ciências; importa-nos saber, neste artigo, que a *Lexicologia*, a *Lexicografia* e a *Terminologia* estão diretamente ligadas à materialidade linguística do objeto léxico e que cada uma, a sua maneira, descreve o léxico das línguas existentes. Porém, o léxico como componente social da língua é estudado pela sociolinguística, que correlaciona aspectos linguísticos e sociais nos trabalhos de pesquisa. Sendo assim, apresentaremos, de maneira superficial, as três ciências que descrevem o léxico em sua materialidade linguística e daremos um enfoque maior à *Terminologia*, por entendermos que esta possui uma maior relação com o contexto empresarial.

Lexicologia

A Lexicologia é uma ciência do ramo da Linguística que tem por objetivo o estudo científico do acervo de palavras de um determinado idioma, a que chamamos de léxico, sob diversos aspectos. Para isso, ela procura determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo de itens lexicais de um idioma, bem como o seu uso na comunidade dos falantes. Assim, por meio da Lexicologia, torna-se possível observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade linguística. Na Lexicologia, a parte que mais importa é a *unidade léxica*. Conforme, Andrade (1998):

[...] lexicologia é o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a *lexia* [...] (ANDRADE, 1998, p. 189).

Lexicografia

A Lexicografia busca, por meios técnicos, o registro das unidades léxicas de um determinado léxico em obras lexicográficas. Essas obras, a que denominamos dicionários, glossários, vocabulários, etc. no passado, entre os séculos XVI e XVIII, não se preocupavam com a organização e não dispunham de critérios para inserção de palavras nas obras. Nesse mesmo período, conforme Biderman (1984), a lexicografia era mais evoluída na França e Espanha, porém, no século XVI, dedicava-se unicamente à produção de dicionários bilingues e só durante o século XVII é que surgiram na Europa os dicionários monolingues. Já a partir do século XIX, as obras lexicográficas francesas foram ampliadas significativamente. Biderman ressalta também que a Lexicografia Portuguesa não evoluiu com a mesma intensidade que a Lexicografia Francesa.

O marco da produção lexicográfica em língua portuguesa, segundo Biderman (1984), foi, sem dúvida, a obra de Antônio de Moraes e Silva, natural do Rio de Janeiro. A primeira edição dessa obra, publicada em 1789, foi baseada no dicionário produzido pelo padre Rafael Bluteau.

A partir do século XX, conforme é postulado por Biderman (1984), os dicionários apuraram a qualidade a ponto de trazerem informações enciclopédicas das unidades léxicas de maneira ordenada e organizada por entradas e acepções. Atualmente, com as contribuições das novas teorias linguísticas, que surgiram também a partir do século XX, e as novas teorias de ensino de línguas, a Lexicografia moderna se expandiu e, além da produção de dicionários, se preocupa também com a análise das metodologias de produção lexicográfica, isto é, como e para que os dicionários têm sido feitos. Para a Lexicografia, o componente principal do *léxico* é o *lema*. Este representa a entrada canônica nos dicionários das línguas.

O *lema*, conforme Haensch, Wolf e Stefan Y Werner (1982), é considerado o significante das definições enciclopédicas e linguísticas, com as seguintes especificações:

- em uma definição enciclopédica, o lema é considerado como significante da língua objeto, que se refere indiretamente a uma fração da realidade extralinguística, tal como se delimita em uma coletividade humana, definida cultural e socialmente, mediante um conceito. Neste caso a definição daria

informação sobre um significante linguístico, seus conteúdos, seu uso ou sua interpretação, com base nos conhecimentos sociais da realidade extralinguística;

- em uma definição linguística, o mesmo lema teria de conceber como significante metalinguístico que se refere ao significante da língua objeto, formalmente idêntico.

Ressalte-se que não há uma preocupação exacerbada por parte dos autores de artigos de dicionários com a questão teórica da distinção entre essas definições, de maneira que uma só definição contém, às vezes, elementos semasiológicos e enciclopédicos e/ou elementos que não há como defini-los.

Terminologia

Ao se direcionar para o estudo acerca da terminologia, é importante ressaltar que em um sentido amplo ela se refere ao uso e estudo de termos pertencentes a uma linguagem especializada em um contexto específico. Mas Terminologia também se refere a uma disciplina mais formal que estuda sistematicamente a rotulação e a designação de conceitos particulares a um ou vários assuntos ou campos de atividade humana, por meio de pesquisa e análise dos termos em contexto, com a finalidade de documentar e promover seu uso correto. De acordo com André Clas (2004),

Em terminologia, o sentido vai opor, certamente, a palavra ao termo, especificando que a palavra está, de forma ampla, ligada a seu ambiente textual, mas que o termo depende de seu ambiente pragmático (CLAS, 2004, p. 225).

Pode-se dizer também que, conforme é postulado por Krieger e Finato (2004), a eficiência na comunicação diária requer também o conhecimento acerca de termos técnicos utilizados por profissionais das mais variadas áreas. Já o intercâmbio comunicativo entre esses profissionais solicita uma precisão conceitual, como recurso essencial para univocidade dos termos utilizados, ou seja, há uma necessidade de padronização do conceito, para assegurar a

compreensão dos termos de forma inequívoca. Essa é, talvez, a característica que revela a importância do conhecimento de termos técnicos para os usuários da linguagem especializada.

No emprego da linguagem especializada, o uso de um termo técnico terá o seu valor de acordo com o contexto de uso deste termo, ou seja, para um profissional de uma área técnica, o conhecimento da terminologia empregada no seu meio de trabalho é indispensável para a realização de suas atividades e representa um tipo de valor. Um profissional de outra área, por exemplo, um jornalista que às vezes precisa, ainda que parcialmente, dominar o uso da linguagem especializada para se referir a um objeto ou situação pertencentes a esta linguagem, dará um valor maior ao conhecimento técnico especializado. Conforme Cabré (1993, p. 37): “Para os especialistas, a terminologia é o reflexo da organização conceitual de uma especialidade, e um meio inevitável de expressão e comunicação profissional”.

O termo técnico traz muito mais do que o correspondente semântico de um determinado objeto, pois, cognitivamente, ele é responsável também pela circunstância de uso daquele objeto, ou seja, o termo tem a função de nomear, mas apresenta, simultaneamente, o significado do objeto nomeado, com a sua devida descrição e a aplicação de uso desse objeto. As terminologias são de suma importância para fixação e circulação do saber científico e técnico. Por isso, em função da aceleração da produção do conhecimento na sociedade atual, conforme Krieger e Finato (2004, p. 19) atestam, a atualização do conhecimento dos termos técnico-científicos ocorre ininterruptamente: “de certo modo, vive-se um processo de alfabetização técnico-científica, o que determina a ampliação dos contatos com as terminologias”.

No contato com um léxico especializado, cuja interação linguística se faz a partir do uso de terminologia própria do segmento profissional e também de unidades léxicas pertencentes ao léxico geral da língua, torna-se necessário o conhecimento, por parte do profissional pertencente a esse grupo especial, das gírias³, jargões⁴ e tecnoletos⁵ utilizados na

³ **Gíria:** Vocabulário que identifica um grupo social, a gíria surge da aplicação de um novo significado às formas que já existem no sistema linguístico comum, ou alterados por expansão semântica.

A gíria é língua técnica usada pelos indivíduos quando postos em circunstâncias especiais. Estas podem ser o grupo social ou profissional a que pertence o falante ou a diversas situações da vida cotidiana. Há dois tipos de gíria: a língua técnica propriamente dita, cuja finalidade é a precisão, pertence ao âmbito das classes profissionais e pode ser falada ou escrita, e a gíria que é mais uma variante expressiva da língua falada e é usada por todos os falantes do grupo (BORBA, 1975, p. 77).

⁴ **Jargão:** Vocabulário usado no exercício das profissões.

A distinção entre jargão e gíria é que esta se correlaciona com grupos sociais, enquanto que aquele com grupos profissionais.”(CABELLO, 1991).

comunicação diária pelos demais membros desse segmento profissional, bem como das unidades léxicas do léxico geral envolvidas no processo de comunicação. Krieger, em relação à *Terminologia* como ciência, postula em Krieger e Isquero (2004, p. 327), que “A Terminologia assumiu, portanto, uma face linguística e ainda avança no sentido de tomar como quadro referencial de exame dos termos e seus reais contextos de ocorrência”.

O novo enfoque dado à ciência Terminologia propiciou o que Krieger (2004) denominou de linguístico-comunicacional, pois, de acordo com essa autora, o léxico especializado já não é mais visto somente como representação ontológica da área do conhecimento, pois, passou a ser também um componente da linguagem em funcionamento.

A concepção de termo como elemento linguístico e não apenas como nódulo conceitual, que integra as comunicações profissionais, tem sido, segundo Krieger (2004), o novo cenário construído por diversos pesquisadores da Terminologia. Outra postulação de Krieger (2004, p. 328) é a de que “o termo comporta-se de modo semelhante às unidades do chamado léxico geral, e que o léxico especializado não constitui uma língua à parte, como antes se julgava”.

A Terminologia, como já dito, se refere a uma disciplina mais formal que estuda sistematicamente a rotulação e a designação de conceitos particulares a um ou vários assuntos ou campos de atividade humana. Isso vale dizer que há uma preocupação em manter a precisão conceitual na definição dos *termos*. Sendo assim, podemos conceber que se há uma precisão conceitual, evidentemente, existem *normas* para o uso da linguagem composta por *termos*, da mesma forma que existem normas para o uso da linguagem composta pelas demais *unidades léxicas* do chamado *léxico geral* da língua, o que nos permite inferir, que em ambos os casos, há a necessidade de se atingir um padrão na comunicação.

A *norma* pode ser interpretada por diversas correntes teóricas, como veremos na próxima seção. Porém, ao se valer de uma *norma* para se chegar a um *padrão*, simultaneamente, buscamos manter o prestígio da norma mais valorizada para o contexto em que fazemos uso da linguagem. Se o contexto de uso relaciona-se a segmentos empresariais,

⁵ **Tecnoletos:** Vocabulários tecnocientíficos (precisão conceitual), totalmente formal.

“Tecnoletos ou línguas de especialidade constituem linguagens de grupo que, do ponto de vista linguístico, classificam por diferenciações diastráticas. Especificam linguagens técnicas e científicas pela importância que assumem no universo do conhecimento (LAFACE, 1997, p. 02).

que suscitam de uma maior formalidade nas comunicações, obviamente, procuraremos nos pautar em um padrão de norma que se assemelha ao padrão considerado culto.

Norma e variação

A norma é objeto de estudo de várias correntes teóricas, embora essa não tenha sido muito destacada na corrente estruturalista, foi Eugênio Coseriu (1979), no âmbito dessa corrente, quem explicou com mais clareza o conceito de norma, vinculando-o ao de “*langue*” e de “*parole*” da teoria saussureana. Ao inserir o conceito de norma no modelo de Saussure, que contemplava a dicotomia *língua/fala*, Coseriu amplia o modelo existente para tricotomia *sistema, norma e fala*.

De acordo com Coseriu (1979, p. 73), na norma, a referência é ao *como se diz* e não ao *como se deve dizer*, esse traço caracteriza a norma prescritiva. Na visão desse autor, o sistema é compreendido como um conjunto de oposições funcionais, enquanto a norma é a realização coletiva do sistema, incluindo o próprio sistema com seus elementos não pertinentes, mas normais na fala de uma comunidade. Sendo assim, podemos inferir que a norma é, portanto, o costume, a tradição continuada, presente nos hábitos linguísticos de uma comunidade. Dessa forma, a norma é, segundo Coseriu (1979, p. 50), “um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente”.

Na teoria sociolinguística de orientação laboviana, a norma é vista como as realizações sociais e culturais avaliadas positivamente por uma determinada comunidade. O que a sociolinguística tem explicitado em suas pesquisas é que os aspectos funcional e social da linguagem se interpenetram de maneira que não se pode conceber um sem o outro.

Labov (1972, p. 86) assinala que, na pesquisa realizada por ele em Nova Iorque, na investigação em torno da pronúncia do *r*, ficou comprovado que o processo de socialização linguística em favor do uso da norma de prestígio foi mais lento para os membros

da classe média baixa, que não vão à faculdade, do que para os falantes da classe média alta, que começam se ajustar à nova norma nos últimos anos da escola secundária. Isso revela que a norma de prestígio mantém um padrão de referência que tende a influenciar no comportamento linguístico dos falantes daquela comunidade.

Preti (1975, p. 30), sobre as questões inerentes à norma, postula que ela representa o acesso ao processo de padronização e nivelamento da língua utilizada por um grupo social, cabendo à própria comunidade preservar a norma por ela mesma estabelecida. Essa posição em relação à preservação da norma, por parte da comunidade, fica evidente na preocupação dos falantes em manter a variante tida como padrão, quando procuram saber o que é certo ou errado em questões inerentes à língua.

Mollica (2003, p. 27) afirma que as variáveis linguísticas e não linguísticas não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes e cita como exemplos: escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta. De acordo com essa autora, as variáveis citadas como exemplos concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas, admitindo, dessa forma, que existam pelo menos o padrão popular e o culto.

Ainda em relação à norma, Mollica (2003, p. 28) postula que a escolarização tem sido testada amplamente para se verificar o seu grau de influência sobre os falantes quanto à apropriação da norma de prestígio. A autora destaca a existência de três tendências para efeito da escolarização sobre as formas padrão provenientes de estilos e gêneros mais formais. Essas tendências referem-se ao uso de variante padrão estigmatizada pela escola que chegam a ser corrigidas, uso de variante padrão e não padrão simultaneamente e substituição da variante não padrão pela variante padrão. Silva e Scherre (1996) demonstraram as três tendências em painel de forma ampliada:

- a) Podem ocorrer casos em que os falantes entram na escola oscilando entre um grande e um pequeno uso da variante padrão; a escola “poda” a criança que não se amolda ao sistema de ensino. (...) Nesses casos, trata-se de variantes estigmatizadas pela escola, que chegam a ser sistematicamente corrigidas.

b) Em outros casos, em que a maioria dos falantes entra na escola sem usar a variante padrão, esta é adquirida durante sua escolarização sem que desapareça, porém, a variante não padrão. Enquanto no primeiro ano escolar só há indivíduos que tendem a usar ambas as variantes. (...) Algumas variantes não padrão não chegam a ser estigmatizadas pela escola, não sendo objeto de correção.

c) Finalmente, uma terceira modalidade ocorre quando os falantes entram na escola apenas com a variante que se considera não padrão, mas, paulatinamente, substituem essa variante pela considerada padrão (SILVA; SCHERRE, 1996, p. 346-349).

Conforme Bourdieu (1977, *apud* Mollica, 2003, p. 29), as manifestações linguísticas recebem um valor do que ele denominou “mercado linguístico”, aliado à renda, sexo, faixa etária e nível escolar do falante.

Conforme Naro e Scherre (1996 *apud* Mollica, 2003, p. 29), o efeito da mídia sobre as variantes de prestígio tem despertado o interesse e tem sido objeto de estudo para verificar até que ponto há influência dos meios de comunicação nos comportamentos linguísticos.

Mollica (2003, p. 29) avalia que, embora haja evidências da correlação constante e regular entre estruturas linguísticas *standard* (padrão), há também o indicativo de que o uso de construções *não padrão* com certa frequência por pessoas de classe e renda alta, como é o caso do uso de *dele* em substituição a *seu*, com o objetivo de evitar ambiguidades, tem se consolidado como *standard* entre as pessoas pertencentes a essa classe.

Considerações finais

Neste artigo, foi possível promover uma breve discussão em torno do léxico e sua importância como componente linguístico aplicado a todos os contextos, pois, a capacidade do léxico de representar através de signos, os componentes do mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico em que se situa o homem, o coloca como o elemento da língua de maior efeito extralinguístico.

Observou-se que a Terminologia por lidar com conceitos técnicos se apresenta sempre de maneira formal, pois, o contexto de emprego dessa ciência relaciona-se ao estudo

de segmentos sociais das mais variadas atividades profissionais. Isso permite a constatação de que a Terminologia é a ciência que se aplica de forma mais satisfatória para a descrição do léxico em uso nas diversas profissões.

Verificou-se que no emprego de uma linguagem técnica, deve-se atentar para o fato de que o termo técnico traz muito mais do que o correspondente semântico de um determinado objeto, pois, cognitivamente, ele é responsável também pela circunstância de uso daquele objeto. O termo tem a função de nomear, mas apresenta, simultaneamente, o significado do objeto nomeado, com a sua devida descrição e a aplicação de uso desse objeto.

Demonstrou-se também neste artigo que, em toda comunidade linguística, podemos perceber sempre a existência de um tipo de norma que é mais valorizado do que os outros e se transforma em norma padrão. Do mesmo modo que um grupo social influente, de prestígio, pode determinar uma transformação de normas nas diferentes esferas sociais, ele pode, também, atuar sobre o estado de língua.

Dessa forma, as questões sociais relacionadas ao nível socioeconômico, escolarização e classe social alta, entre outras, concorrem para o aumento na fala e na escrita da variedade de língua de maior prestígio.

Por fim, na concepção do que é *certo* ou *errado*, devemos atentar para o estilo altamente formal presente em léxicos especializados, que envolve aspectos relacionados à estrutura social e familiar que vão além do uso da variedade culta, pois, leva-se em conta também a posição hierárquica dos usuários desse léxico.

Linguistics applied in social contexts: specialized language

Abstract: *This paper presents a reflection about the linguistics applied in social contexts in terms of the usage of a specialized language. In this discussion, the objective is to extensively reflect not only on the structure and the social character of the lexicon, but also on the sciences: Lexicology, Lexicography and Terminology. In addition, the regulatory norms of the linguistic behavior and the social issues which emerge from the implementation of these norms are also explored. Finally, the conception of what is considered right or wrong in terms of language is presented, as well as a debate on the importance of applying the lexicon sciences in the language used in social contexts.*

Key-words: Linguistics .Lexicon. Terminology. Standard norm.

Referências

- ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P.; IZQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 189-198.
- BALDINGER, K. **Teoría semántica**: hacia una semántica moderna. Madrid: Ediciones Alcalá, 1970.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos Estudos Linguísticos**, 4. Ed. São Paulo: Nacional, 1977.
- CABELLO, A. R. G. **Gíria e neologismo**; convergências e divergências. Franca: *Anais do Seminário do Gel*, 1991.
- CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.
- CLAS, André. A Pesquisa Terminológica e a Formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia – volume II. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2004. p.223-238.
- COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Editorial Gredos, 1977.
- _____. **Sincronia, diacronia e história**. O problema da mudança lingüística. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979.
- _____. Sistema, norma e fala. In: **Teoria da linguagem e lingüística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979, p.13-85.
- FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: Maria Cândida T. C. de Seabra. (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 217-234.
- GUILBERT, L. Peut-on définir un concept de norme lexicale? In: **Langue Française**, nº 16. Paris, 1972. p.29-47.

REVISTA MEMENTO

V.4, n.2, jul.-dez. 2013

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

HAENSCH, G.; WOLF, L.; STEFAN Y WERNER, R. **La Lexicografia**. Madrid: Gredos, 1982.

KRIEGER, M. G. e FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teórica e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Título original: Sociolinguistic Patterns.

LAFACE, A. **Vocabulário Acadêmico- um passo para a leitura técnica**. v..22. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NUNES, Paulo César Ribeiro. **Estudo do léxico policial militar**. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PRETI, D. **Sociolinguística**. Os níveis de fala. 4^a ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

_____. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1984.

REVISTA *MEMENTO*

V.4, n.2, jul.-dez. 2013

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911
